

PROSTITUIÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E OBSERVAÇÕES SOBRE A REALIDADE DA CIDADE DE FORTALEZA

Cleide Maria Amorim dos Santos *
Josiane Vasconcelos Rodrigues *
Mayra Oliveira Queiroz *
Ângela de Alencar Araripe Pinheiro *

RESUMO

Este trabalho representa mais uma produção científica coletiva do Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas Sobre a Criança (NUCEPEC), dentro de nossa proposta de contribuir para socializar informações na área da criança e do adolescente no País.

O artigo aborda, inicialmente, algumas considerações acerca da prostituição e suas implicações sócio-político-econômicas e culturais. Em seguida, organizamos uma sistematização dos principais fatores envolvidos na questão da prostituição infantil. Concluímos, fazendo uma breve análise comparativa dos fatores citados com a realidade da menina em Fortaleza, captada a partir de entrevistas com educadores que trabalham diretamente com a menina envolvida com a prostituição. (14 referências).

PROSTITUIÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E OBSERVAÇÕES SOBRE A REALIDADE DA CIDADE DE FORTALEZA

ABSTRACT

This paper is the result of another scientific report of the members of NUCEPEC (Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas Sobre a Criança). Our purpose is to contribute to the socialization of information on childhood and adolescence in Brazil.

We first approach prostitution concerning to its social (political and economic) and cultural aspects, then we organize the principal factors concerning prostitution in childhood. Our conclusion is based upon a brief analysis of factors related to this mentioned situation in Fortaleza. We used interviews with educators working directly with girl's prostitution.

* Integrantes do Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas Sobre a Criança (NUCEPEC) da Universidade Federal do Ceará.

1 - INTRODUÇÃO

A crise histórica, que caracteriza a sociedade brasileira e seus reflexos na situação da criança e do adolescente, já há algum tempo vem sendo fonte de estudo pelo NUCEPEC.

O interesse pela análise da prostituição infantil partiu especialmente da observação de alguns trabalhos que vêm sendo desenvolvidos em Fortaleza, bem como das referências que nos chegam de trabalhos similares em outras cidades brasileiras, junto às meninas envolvidas com esta atividade.

Observamos que a sociedade brasileira tem buscado alternativas de ações para questões onde o Estado se esquivou em intervir, ou interviu de forma ineficaz e equivocada. No que se refere à questão do menino e da menina de rua, muitas experiências de trabalho têm partido de movimentos não-governamentais, espalhados por todo o Brasil.

Durante a elaboração deste trabalho, nos deparamos com uma escassez bibliográfica sobre o tema, que ao nosso ver impõe-se como dado importante na compreensão do descaso, inclusive científico, a que a criança, em especial a de rua, está submetida.

Assim, foram realizadas algumas entrevistas com educadores de rua, diretamente relacionados com a menina prostituída, com o objetivo de compor um quadro geral da extensão do fenômeno da prostituição infantil em Fortaleza.

Vale ressaltar que a idade de treze anos é o limite legal entre a infância e adolescência; um limite que na prática mostra-se tão abstrato quanto os termos "infância" e "adolescência". Na verdade, o que se vê nas ruas das cidades brasileiras é um processo grotesco de adultização da criança, que não necessariamente resulta em maturidade. Entretanto, aos dezoito anos, todos são responsáveis legais por seus atos, a parte o fato de terem sido antes e sempre responsabilizados por tudo aquilo que a sociedade julgou a-moral, marginal, desordenado e condenou.

2 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A PROSTITUIÇÃO

A prostituição é um fenômeno de degenerescência social, constante em quase todas as civilizações, cuja origem se perde nos tempos. Desde logo, podemos vislumbrar dificuldades que se antepõem a sua definição.

Gaspar (1985) define a prostituição como "um contínuo de relações possíveis entre homens e mulheres que combinem sexo e dinheiro sem passar pelo casamento ou pela procriação" (p.12).

A tendência a relacionar prostituição e casamento encontra suas origens na divisão histórica da condição feminina entre "honestas" e "perdidas". Beauvoir (1975) observa esta divisão como o processo da coisificação da mulher, reduzida a mero objeto dos desejos do homem, a quem deve ser assegurada a garantia da realização plena.

Sobre as semelhanças e diferenças entre a prostituição e a esposa, Beauvoir (1975) escreve: "para ambas, o ato sexual é um serviço; a segunda é contratada pela vida inteira por um só homem; a primeira tem vários clientes que lhe pagam

tanto por vez. Aquela é protegida por um homem contra os outros, esta é defendida por todos contra a tirania exclusiva de cada um" (p.324).

Quanto a aspectos da terminologia da língua portuguesa, Vasconcelos, Castelli e Mendonça (1988) exemplificam que o adjetivo público quando associado a homem significa seu consagração à vida pública; quando associado a mulher, significa meretriz. Afirmam que "a prostituição é alimentada diariamente através de mecanismos sociais, como linguagem, hábitos, valores, educação, dominação, discriminação, competição, consumo, status" (p.12).

Analisando os papéis sociais masculinos e femininos, Saffiotti (*apud* Lorenzi, 1987) reflete: "Eu acho que há um arquétipo masculino muito preciso, o do homem forte (. . .). No arquétipo masculino eu identifico o sujeito desejador. Ele deseja um objeto que está fora dele e usa este objeto para a sociedade da sua aspiração. Do outro lado, o que encontramos? Não apenas um arquétipo feminino, porém dois arquétipos: o arquétipo da **santa** * mãe, dona de casa, assexuada e o outro, que é o arquétipo da prostituta. Aparentemente, estes dois arquétipos são absolutamente contraditórios, mas há um entre elas, uma identidade básica. Ela resulta do fato de ambas as mulheres, a **santa** e a **puta** *, serem objeto de prazer do homem. Ne nhuma delas é sujeito de desejo, o que reflete evidentemente relações de dominação e de subordinação, razão por que eu não consigo desvincular a prostituição de violência". (pp. 63/4).

Para esta mesma autora, os padrões sociais de dominação/subordinação, homem-mulher, brancos-negros, adultos-crianças se interpenetram, se cruzam nas relações sociais, dando origem a "ordem social".

Aquilo que não pertence à "ordem" constitui a "desordem social", que é controlada mediante a estigmatização e a marginalização.

No universo amplo da prostituição, a infantil, enquanto "comércio carnal de crianças" (Azevedo, 1986), ou "sua participação em atividades sexuais com adultos ou jovens mediante um elemento de retribuição sob a forma de dinheiro, de presentes, e até mesmo de tóxicos" (Strauss, *et al*, *apud* Azevedo, 1986, p. 112), se insere como mais uma forma de violência contra a criança, ao lado do rapto, do tráfico, das mutilações e assassinatos, dos abusos e negligências, da exploração no trabalho, do abandono político e social etc.

3- JUSTIFICAÇÃO DO FENÔMENO: CAUSAS SÓCIO-ECONÔMICAS CULTURAIS E POLÍTICAS

Algumas tentativas de compreensão do fenômeno da prostituição infantil buscam relacioná-lo com aspectos da criminalidade, com o momento histórico em que surge, bem como com padrões culturais de relações sociais.

Para Lorenzi (1987), a miséria econômica na qual sobrevive a menina prostituída serve de alimento a uma miséria muito pior que é a daqueles que perderam controle e a consciência de seu poder de desumanização, destruindo inadvertidamente a si e a quem puder.

* grifos da autora

Para Dallari (**apud** Lorenzi, 1987), "o primeiro aspecto básico a ressaltar diz respeito ao problema da prostituição infantil como um problema de criminalidade em geral. Para a maioria dos brasileiros, o problema da criminalidade resume-se em criar mecanismos de repressão (. . .) Nós podemos dizer que o problema tem causas econômicas e sociais, quer queiramos ou não, associadas ao capitalismo. Todavia, por mais que a gente deseja admitir que o capitalismo é responsável pela prostituição infantil, não podemos eliminar o capitalismo de uma hora para outra. O problema deve ser enfrentado dentro da própria sociedade capitalista. Daí que, além dos problemas econômicos e sociais, há que se ressaltar a existência de problemas culturais que atingem pessoas de diferentes condições sociais" (p.58).

Azevedo (**apud** Lorenzi, 1987) refere-se à prostituição como um processo de erotização e erosão da infância: "a prostituição infantil é uma das formas mais degradantes de Eros, equivalente a uma verdadeira erosão desta etapa da vida. (...) Em primeiro lugar, a prostituição infantil é uma forma de ideologizar a infância (...) Em realidade, a criança participa de relações sociais, relações de superpaternidade em uma sociedade adultocêntrica, na qual ela não é sujeito de direito e sequer sujeito da História, porém seu objeto. Portanto, é uma entidade que pode sofrer desrespeito e ser violada impunemente, fenômeno que vai explodir no abuso sexual da criança. (. . .) Sob essa perspectiva, a prostituição infantil, implicando a comercialização do próprio corpo, não apenas tem razões associadas à miséria. A sociedade tem outras razões para fomentar este tipo de prática na coletividade - razões culturais, ligadas ao padrão adultocêntrico de relações sociais" (p.61/62).

Para Lorenzi (1987), "o problema é político por ser social e econômico. Deve ser assimilado pela sociedade e, de inconformidade desta, deve surgir a pressão para que as instituições atuem a fim de eliminar as causas dos fenômenos. A indiferença das instituições é o reflexo da indiferença da sociedade" (p.82).

Vasconcelos **et alli** (1986) atribuem à miséria e ao abandono em que vivem, as causas que fazem com que as meninas delinquem para sobreviver. Neste sentido, apontam seu corpo como única mercadoria de que dispõem, que possui algum valor econômico.

O nível salarial entre outros fatores é um reflexo do estágio de sobrevivência que atingiu a população brasileira e a nordestina em particular. A precariedade da vida desse número imenso de famílias obriga a inserção de todos os seus membros no campo de trabalho, que venha a totalizar a renda. Este é um dos fatores que leva as meninas a abandonarem sua condição de criança e a ingressarem no mundo adulto, numa luta constante e cruel pela sobrevivência, mediante a venda do próprio corpo.

Oliveira (1989) aponta "a existência de um círculo de poucas oportunidades, onde se reproduzem as mesmas condições precárias de sobrevivência representadas por um modelo não estático, porém repetitivo, cujo esquema assim se apresenta: pais inseridos em ocupações de baixa remuneração, filhos que desenvolvem atividades não qualificadas com possibilidades de ganhos mínimos e sem oportunidades de adquirir formação escolar para desenvolver-se geram adultos que farão parte da força de trabalho em reserva com tendência a realizar serviços

mal remunerados" (p.24).

4 - TIPOS E INCIDÊNCIA

Lorenzi (1987) percebe uma estreita ligação entre o rapto e o tráfico de crianças e o abuso e a exploração sexual, quer através do uso de crianças em filmes ou revistas pornográficas, quer no contato sexual direto com parceiros adultos.

O autor identifica as pessoas envolvidas com o tráfico de crianças como "personagens com meios financeiros próprios enormes, ou que manipulam por conta de organizações meios que lhes permitem corromper onde e quem for necessário para se proteger dos inquéritos e das denúncias judiciais" (p.30).

A vítima ideal deste tipo de comércio será identificado por sua condição de indigência - em especial as crianças do Terceiro Mundo, orfandade e despatrimônio - crianças refugiadas.

A criança detém uma cotação alta no mercado de prostituição, que se amplia cada vez mais, em função também do desenvolvimento tecnológico de pornografia infantil em vídeo e tv a cabo.

A pornografia infantil, enquanto forma de prostituição, apresenta índices de crescimento. Segundo Gerber (**apud** Lorenzi, 1987), em contagem realizada em 1987, havia nos Estados Unidos 250 publicações especializadas em pornografia infantil, envolvendo crianças de 03, 04 e 05 anos. Em 1982, segundo estatísticas da Polícia e da lista de assinantes de material pornográfico, havia cerca de 1.200.000 menores de 16 anos envolvidos com a prostituição na pornografia publicada.

A pornografia infantil pesada, esclarece Lorenzi (1987), "são os "snuff-films", ou seja, películas nas quais a criança é morta depois de cenas de flagelo ou prática de sadismo." (p.31).

No Brasil, segundo o relatório da Associação Internacional dos Juristas Democratas - AIJD (**apud** Lorenzi, 1987), em 1986 o número de crianças envolvidas na prostituição era aproximadamente de 5 milhões, sendo que 400 mil apenas em São Paulo. No Nordeste, a cada ano, 50 mil meninas ingressam na prostituição para não morrerem de fome.

De acordo com Luppi (**apud** Kuchler, 1990) o número de meninas envolvidas com a prostituição no Brasil é de 500 mil, considerado recorde na América Latina.

As duas estatísticas citadas apresentam entre si uma grande discrepância (uma é 10 vezes maior do que a outra). Infelizmente, não dispomos de uma outra fonte que possa nos fornecer um dado mais preciso, o que vem reafirmar a necessidade de estudos capazes de melhor dimensionar a problemática da menina prostituída.

5 - FORMAS DE ENTRADA E CONDIÇÕES DE VIDA NA PROSTITUIÇÃO

O relatório da AIJD (**apud** Lorenzi, 1987) nos fornece informações sobre a forma de entrada da criança na prostituição:

• a idade de ingresso na prostituição varia de acordo com o local e a forma de recrutamento das crianças. As nascidas em zonas de prostituição, ou provenientes de mães prostitutas, são, em geral, exploradas a partir dos 03 anos de idade. As que são trazidas do interior para trabalharem como domésticas em casas de família, geralmente aos cinco anos, também são utilizadas sexualmente pelo patrão, seus filhos e amigos, e posteriormente, por volta dos 13 anos, colocadas na rua. Nas zonas de garimpo, é comum a existência de meninas de 10 a 12 anos com a finalidade de "servirem" aos homens;

• em alguns lugares, a prostituição infantil se organiza em "casas de tolerância", situadas geralmente na periferia das cidades. Foram citados Caruaru-PE, Lages-SC e Rio Grande do Sul, onde as casas de tolerância são chamadas "Mata-douros". Ali, as meninas são drogadas e guardadas por cães;

• em cidades como Fortaleza, São Paulo, Salvador e Porto Alegre, o recrutamento das crianças para prostituição se confunde com o rapto e o tráfico de crianças;

• a rota do tráfico de crianças brasileiras pode se iniciar em Fortaleza, com destino ao Rio de Janeiro, onde as crianças são negociadas, ou pode ainda se estender do Sul do Brasil para países fronteiriços como Paraguai e Argentina.

(VEJA 1988), em matéria acerca do comércio de crianças brasileiras, afirma: "A cada ano, perto de mil e quinhentas crianças brasileiras deixam o país para morar no exterior - com os papéis em ordem. Pela rota da clandestinidade, que passa obrigatoriamente pela falsificação de documentos e pela exploração abusiva dos sentimentos tumultuados de mães em dificuldades, estima-se um número bem maior - a projeção da Polícia Federal, por exemplo, alcança três mil crianças por ano, ou cinquenta a cada semana". (p.34). Curitiba e Fortaleza são identificadas como plataforma de embarque de crianças para o exterior. De acordo com o chefe local (Fortaleza) do Serviço de Fronteiras da Polícia Federal, a Secretaria de Segurança Pública do Ceará recebe em torno de 05 denúncias de sequestro de crianças, por semana.

Ainda em Fortaleza, O POVO (1990) publicou reportagem, onde o Secretário de Segurança Pública apresenta denúncias envolvendo o tráfico de crianças no Ceará, não para a adoção, e sim para servirem como cobaias às experiências, inclusive fatais, de laboratórios clandestinos da Europa e Estados Unidos.

Bridel e Collomp (**apud** Lorenzi, 1987) observam que a produção de filmes pornográficos, envolvendo crianças no Brasil, está localizada principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, onde estão os estúdios mais importantes. Recife foi citado também como produtor de pornografia infantil. Ali as crianças mais novas são as preferidas dos clientes, em função do baixo preço cobrado por elas. Algumas vezes, o próprio cliente leva a menina para o bordel. Há registro de casas especializadas que fornecem meninas virgens por telefone.

Para Lorenzi (1987), a impunidade dos produtores de pornografia infantil está assegurada pelo anonimato das vítimas, ou seja, seus atores involuntários são, na grande maioria, crianças sem nome, pátria, sem outro futuro senão aquela em que sua condição de pânico lhes confina. É válido afirmar que, de certa forma, estas vítimas "não existem".

O mesmo autor, referindo-se ao documento advindo do I Encontro Nacional "Ação Cultural e Prostituição" - Jundiá, 1987, revela o dado de 50 mil menores envolvidos com a prostituição em Belém: "formas requintadas de prostituição surgem por associação ao lado dos grandes projetos desenvolvimentistas. São universalmente conhecidos os casos de Tucuruí e Carajás. Aí, a prostituição tradicional não é praticada nas ruas ou nos môtéis, mas nas cidades isoladas e especializadas para isso". (p.50).

Bridel e Collomp (**apud** Lorenzi, 1987) assim se referem ao bairro Pirambu, em Fortaleza: "ali vivem e trabalham as prostitutas e as suas 'famílias'. As meninas são chamadas de 'ratinhos'. Nos cabarês aonde são levadas, são às vezes surradas, maltratadas **cortadas**. (. . .) Nos barracos não há água corrente nem eletricidade e 3, 4 ou 5 pessoas vivem num local que mal serviria para uma. As crianças vivem com as mães e observam os 'serviços' que estas dispensam aos clientes". (p.48-49). Em Porto Alegre, observam que ". . . a prostituição é organizada, quase como na Europa. Há meninas de 8 e 9 anos que **trabalham** em casas. Agora os clientes pedem crianças cada vez mais jovens". (p.49).

Crianças mais jovens surgem sem muita dificuldade. Segundo VEJA (1987), em reportagem sobre o crescimento populacional brasileiro: "O número de crianças que nascem no Brasil a cada ano é igual ao número de bebês que vêm ao mundo na União Soviética e nos Estados Unidos somados - países infinitamente mais equipados que o Brasil para cuidar de sua população". (p.69).

De acordo com a relação ressaltada anteriormente, entre fatores sócio-políticos e econômicos e a prostituição infantil, faz-se necessário que relacionemos alguns dados representativos da realidade da criança brasileira.

Em trabalho recente, Pinheiro **et alli** (1990) caracterizam o Brasil, resumidamente o Brasil, como detentor de uma das maiores concentrações de renda do mundo, onde se concentram: altos níveis de desigualdade e pobreza; crescente deterioração dos salários; aumento das taxas de desemprego; desigualdades regionais; e ocupação perversa da terra. Resumindo dados de várias fontes, as autoras apresentam ainda as seguintes informações:

• entre 1980 e 1985, enquanto no Brasil a taxa de mortalidade infantil alcançava o índice de 67 óbitos por mil nascidos vivos, o Nordeste se sobressaía com o índice alarmante de 103 por mil. As causas mais frequentes de mortalidade infantil - infecções intestinais, infecções respiratórias agudas associadas à desnutrição, são preveníveis;

• após sobreviver às intempéries do primeiro ano de vida, a criança proveniente de lares empobrecidos será gradualmente inserida no mercado de trabalho, em geral, no setor primário, com vistas a aumentar a renda familiar;

• apesar de realizar uma jornada de trabalho adulta, igual ou maior a 40 horas, praticamente nenhum menor de idade, no Nordeste, recebe mais de um salário mínimo;

• as instituições de recolhimento, que se propõem a atender as crianças tidas como "portadoras de conduta anti-social" e/ou "abandonadas", há muito têm sua função social e sua competência questionadas, em face do caráter perversos e estigmatizante de que se revestiram;

● ao mesmo tempo em que cresce o número de meninos e meninas de rua, este espaço se afirma cada vez de forma mais irreversível como local de trabalho, que garante muitas vezes o sustento de famílias inteiras;

● quanto ao uso de drogas, 77,5% das crianças de rua, em São Paulo, utilizam solventes orgânicos e 60% já experimentaram maconha. A idade média de iniciação é de dez anos;

● sobre a educação, o País detém um índice de analfabetismo de 17%, entre crianças de 10 a 14 anos; o índice eleva-se no Nordeste para 37%. Evasão e repetência escolar são fenômenos associados, principalmente na 1ª série do 1º Grau. Observou-se, em 1985, que das crianças que ingressaram na 1ª série, apenas 18,3% concluíram o 1º Grau. As escolas padecem de condições precárias de infra-estrutura e de recursos humanos;

● quanto à saúde, são péssimas as condições de saneamento básico em que vivem principalmente as famílias de baixa renda, o que favorece a proliferação das mais diversas doenças. Mais de 90% das crianças brasileiras de até 04 anos, provenientes de famílias em situação de pobreza absoluta (menos de 1/4 de salário mínimo **per capita**) vivem em condições inadequadas de saneamento básico. Na zona rural, a situação se intensifica;

● somam-se à ineficácia do sistema de tratamento de esgoto e do lixo às deficiências crônicas no padrão alimentar e nutricional do brasileiro, e temos as condições propícias à manutenção do estado de saúde precário da população;

● no Brasil, apenas 4% das crianças com menos de 12 anos se beneficiam da assistência hospitalar; no Nordeste, o índice é inferior a 3%.

Num país em que a população é diariamente fraudada em seus direitos sociais mais básicos, deslocado do interior para a periferia dos grandes centros, sendo obrigada a sub-existir em meio a condições miseráveis, é natural que se desenvolvam alternativas de sobrevivência por vezes perversas. Entretanto, não queremos aprisionar a análise da prostituição infantil às condições sócio-político-econômicas da sociedade brasileira, uma vez que acreditamos estar a questão também relacionada a um certo modo de ver e tratar a criança, um padrão cultural que costuma reduzir o mundo infantil a uma categoria de alienação da realidade.

Desta maneira, é com o silêncio que a sociedade vem se resguardando do processo de implosão que sofre suas instituições, e a prostituição é um dos reflexos.

Assim, passamos a relatar alguns fatores que se nos apresentam como de importância relevante na compreensão da prostituição infantil: referem-se à entrada e à convivência da menina/mulher no universo da prostituição, com outras prostitutas, os filhos, a saúde pessoal, o freguês, a atividade sexual, a violência, a polícia, a indumentária e atributos físicos e com os cafetões.

Sobre os motivos que conduzem a mulher a ingressar na prostituição, Beauvoir (1975) é categórica em refutar as teorias que buscam explicações hereditárias, fisiológicas, ou moralistas para uma questão que ela acredita ser de natureza sócio-econômica.

Estando a miséria e o desemprego nas bases da prostituição, é natural que nos períodos de guerra e de crise, o número de prostitutas aumente. Segundo Parent

Duchâtelet (**apud** Beauvoir, 1975), em Paris, já no ano de 1857, das 5.000 prostitutas entrevistadas, 1.441 indicaram a pobreza como causa do ingresso na prostituição; 1.425 atribuem a responsabilidade à situação de pobreza, sedução e abandono; e 1.255 haviam sido abandonadas pelos pais na miséria.

A mesma pesquisa identificou que 50% das prostitutas entrevistadas haviam exercido, anteriormente, a profissão de empregada doméstica. Beauvoir (1975) compreende a relação entre a prostituição e a empregada doméstica assim: "Explorada, escravizada, tratada como objeto mais do que como pessoa, a arrumadeira, a criada de quarto, não espera nenhuma melhoria da sorte no futuro; por vezes, é-lhe necessário suportar os caprichos do dono da casa: da escravidão doméstica, dos amores aniliares, ela desliza para uma escravidão que não pode ser mais degradante e que ela imaginou mais feliz" (p.325). Observa, ainda, que 80% das empregadas domésticas, em Paris, procedem da província ou do campo e relaciona a distância da família com a perda da preocupação com a reputação.

Beauvoir (1975) acrescenta às causas de ingresso na prostituição, já citadas, uma doença que impeça a jovem de trabalhar, e o nascimento de um filho - fator desequilibrador do orçamento.

Bridel e Collomp (**apud** Lorenzi, 1987) evidenciam a existência, no Brasil, de um número elevado de "empregadas-escravas" ou falsos "afilhados", que após anos de exploração são postos na rua.

Para Bridel (**apud** Lorenzi, 1987), a miséria da família é fator predominante na inserção da criança na prostituição. Os pais podem prostituir diretamente seus filhos, ou ainda alugá-los para a produção de filmes pornográficos.

A prostituição pode servir como meio para a criança dependente obter recursos financeiros para o consumo de drogas.

Uma vez exercendo a prostituição, Faivre (**apud**, Beauvoir, 1975) observa, em pesquisa realizada em 1931, que dentre as 510 prostitutas entrevistadas 284 viviam sós, 132 tinham um amigo e 94 uma amiga com quem mantinham relações homossexuais.

Acerca da relação que as prostitutas mantêm entre si, Beauvoir (1975) analisa a solidariedade existente entre elas, nos seguintes termos: "... podem ser rivais, ter ciúmes, insultar-se, brigar, mas têm profunda necessidade uma das outras para constituírem um 'contra-universo' em que reencontram sua dignidade humana" (p.331).

Junqueira (1986) atribui a solidariedade entre as meninas como proveniente da origem comum que as caracteriza: "... meninas vindas do interior, chegando sozinhas na cidade, ou para trabalhar como empregadas domésticas, ou grávidas, fugindo da família e da postura provinciana e moralista ao extremo de muitas cidades do interior" (p.133). Para a autora, as brigas e discussões entre as meninas não são seguidas de senso de vingança, o que se diferencia dos meninos.

Quando a história que trouxe a jovem à prostituição envolve uma gravidez indesejada, frente a uma família conservadora, Junqueira (1986) destaca o fato da moça vir para a cidade grande com o objetivo de livrar-se da criança tão logo nasça, para assim retornar à família. Entretanto, a experiência adquirida, durante a gravidez na prostituição, em especial o convívio com outras prostitutas que mantêm

seus próprios filhos, a faz mudar de idéia, no que diz respeito a abrir mão de seu filho. Assim, o retorno à família fica impossibilitado, e o trabalho, a única forma de sobrevivência, sua e de seu filho.

Küchler (1990), referindo-se ao círculo vicioso que envolve a menina de rua prostituída, afirma: "Meninas desassistidas, econômica e psicologicamente, vão para a rua ou se tornam cedo jovens mães, daí para sobreviver, muitas ingressam na prostituição. Os filhos gerados por essas mães, que amargaram uma gravidez difícil em termos de nutrição física e psíquica, serão parte irremediável da nova geração de crianças carentes: 'os netos da rua', e ciclo se repete" (p.4)

Há nos grupos de prostitutas a figura da "tomadeira de conta das crianças" (Junqueira, 1986). Trata-se de uma mulher que cuida de grupos de crianças filhas de prostitutas, que são criadas como irmãs.

Ressalte-se o fato de que as prostitutas dificilmente têm mais de um filho. Junqueira (1986) observa: "As prostitutas são na sua grande maioria mães perfeitas. Ao se destruírem perante a vida que levam, revivem através do próprio filho" (p.134).

Tova (*apud* Junqueira, 1986), afirma, acerca da relação mãe prostituta - filho, que todo o zelo representa: "a própria reconstrução da vida corrompida" (p.134), referindo-se ao complexo de culpa da jovem prostituta frente à sua família, que a nega.

Com referência às condições de vida da prostituta, Beauvoir (1975) escreve: "A baixa prostituição é um ofício penoso em que a mulher oprimida sexual e economicamente, submetida à arbitrariedade da polícia, a uma humilhante fiscalização médica, aos caprichos dos fregueses, presa dos micróbios, de doença e da miséria, é realmente degradada ao nível de uma coisa" (p.334).

Para Junqueira (1986), "a doença é a causadora das maiores frustrações que elas carregam consigo" (p.137). Não há tempo para o tratamento das doenças. Os remédios administrados tantas vezes, de forma descontrolada, custam a surtir efeito. As doenças mal curadas se acumulam, reduzindo a perspectiva de vida. Quando trazem na bagagem, como doença mal curada, a sífilis, então a situação é bem mais grave. Temem as doenças de pele, que pelo seu caráter aparente inviabilizam o trabalho.

Junqueira (1986) registra o fato de haver encontrado meninas de doze anos já com alguns de prostituição: "Aos 20 anos já eram consideradas velhas" (p. 138). Sair da prostituição impõe-se como perspectiva difícil de ser executada. Há um comprometimento que vai além do aspecto físico: "Para suportarem este tipo de vida acabam fazendo uso de tóxicos e de bebidas alcoólicas que, embora as ajudem a sustentar a vida que levam, estão ao mesmo tempo as deteriorando. Além do mais, o tipo de trabalho as consome, pois muitas vezes se obrigam a manter relações sexuais com mais de cinco homens por dia" (ps. 138/9).

Para Vasconcelos, *et alli* (1988), é limitada a expectativa de vida das crianças prostituídas. Citam depoimento de uma menina de 13 anos, que afirma que gente como ela não chega aos 20 anos.

Luppi (*apud* Küchler, 1990) refere o caso de uma menina prostituída desde os 6

anos de idade, em Recife, que aos 13 anos, com dois filhos, já havia ligado as trompas.

Gaspar (1985), analisando a situação das garotas de programa em Copacabana, Rio de Janeiro, afirma que mantêm cuidados com o corpo e são capazes de reconhecer a sintomatologia das doenças nelas e em seus parceiros, além de fazerem exames periodicamente. Ao se referir mais especificamente aos cuidados corporais, a autora indica a privilegição da área pubiana.

Os sentimentos que a prostituta dedica ao freguês, segundo Beauvoir (1975), variam do desprezo, passando pela indiferença, ao amor, de acordo com as circunstâncias, frequência com que ele a procura, exigências que ele lhe faz etc.

Gaspar (1985) registra a existência de dois tipos definidos de cliente, sob o ponto de vista das prostitutas:

1 - O "Cara Legal" - aquele que paga o estipulado, ou um pouco além; é delicado durante o ato sexual; conversa; retorna e pode vir a ser cliente fixo e até confiante.

Sobre a confiança e seu caráter usual, Gaspar (1985) analisa: "A interação com uma prostituta, porque efêmera, é uma situação em que o homem não está indispensavelmente coagido à manutenção de outros papéis sociais que porventura tenha (...) pois que o abandono temporário no desempenho desses papéis não acarreta maiores repercussões sobre sua identidade" (p.107):

Este tipo de cliente é descrito como "dóceis crianças" (p. 107) e merecem das prostitutas cuidados especiais, proteção, num certo nível de maternidade e caridade. São exceção no universo de parceiros das prostitutas.

2 - O Desconhecido - é a fonte de apreensão para a prostituta. Desperta sentimentos de nojo e desprezo.

Gaspar (1985) observa que o sentimento de nojo está relacionado com o cliente em si, ou com determinadas práticas consideradas repugnantes, ou ainda, com a idade e/ou aparência do homem.

Beauvoir (1975) comenta as exigências do cliente: "Seja porque vão ao bordel a fim de satisfazer os vícios que não ousam revelar à mulher ou à amante, seja porque o fato de estar no bordel os incita a inventar vícios, muitos homens exigem 'fantasias' da prostituta." (p.332).

Apesar da "fantasia" ser mais cara e menos cansativa do que o coito simples, o que faz com que existam especialistas em fantasia, algumas prostitutas recusam-se a executá-las. Beauvoir (1975) analisa esta rejeição da seguinte maneira: "Sem dúvida, (as prostitutas) percebiam que a partir do momento em que não eram mais protegidas pela rotina da profissão, a partir do momento em que o homem deixava de ser o freguês em geral e se individualizava, elas eram a presa de uma consciência, de uma liberdade caprichosa; não se tratava mais de um simples negócio". (p.333).

Junqueira (1986) revela a crença disseminada entre muitas prostitutas, no ato sexual, devem se portar como "máquinas". Lembra ainda que não há exigência, por parte da prostituta, de qualquer ato viril. Ao contrário, durante a gravidez são elaborados acordos com os clientes com o objetivo de evitar as relações sexuais.

No tocante à violência, Gaspar (1985) considera que a sua relação com prosti-

tuição é precedida por uma outra, estabelecida entre sexo e violência. No caso da prostituição, a conotação de "mercado" que envolve as relações entre as pessoas, permite o estabelecimento da idéia de que um está "comprando" o outro. Uma vez "comprado", o outro deve se submeter a tudo que for exigido pela pagante, incluindo maus tratos físicos e psicológicos.

Com o intuito de se resguardarem da violência dos fregueses, as garotas estipularam um sistema de classificação com base na situação econômica e na idade do cliente: "O 'garotão' é mal visto, está sempre disposto a usar o charme da juventude para conseguir uma redução no preço e, através da maneira de tratá-las, reafirma a todo momento que está lidando com pessoas desvalorizadas. O senhor de mais idade, desvalorizado no jogo da sedução, está disposto a pagar pelo prazer e por isso não ressalta a posição estigmatizada dessas mulheres. Se ela é uma 'prostituta', ele é uma pessoa que tem que 'pagar pelo prazer'" (Gaspar, 1985, p.27).

A referida autora lembra a relação existente entre a idade e poder aquisitivo, e ainda que a idade impõe responsabilidades ou compromissos sociais que fragilizam o freguês frente à possibilidade de escândalo - a prostituta ganha uma certa vantagem e um certo poder de manipulação.

Acerca do escândalo, Goffman (*apud*, Gaspar, 1985) diz tratar-se de um "mecanismo comum a todos os grupos estigmatizados que em diferentes contextos lidam com as acusações de que são vítimas e delas tiram proveito" (p.38). Trata-se, portanto, de "manipulação da identidade deteriorada".

Gaspar (1983) reuniu algumas definições de violência, sob o ponto de vista das prostitutas:

- a) violência das leis de mercado - aceitar um preço abaixo do regular, por necessidade imperiosa de dinheiro;
- b) a competição entre elas, a rivalidade e o comprometimento público do trabalho, em função da relação prostituição-doenças venéreas;
- c) descumprimento por parte do homem, do contrato prévia e informalmente estipulado, em função da experiência, ou de falhas no sistema de classificação da garota;
- d) ser furtada pelo cliente.

Junqueira (1986) e Gaspar (1985) apontam o fato das prostitutas praticarem assaltos "suadouros" contra os clientes. O homem é levado para a cama e lhe é tirado todo o dinheiro.

Quanto ao tabu difundido de que a prostituta está exposta ao perigo constante dos tarados, Gaspar (1985) afirma tratar-se de algo comum, experienciado pelas garotas, como "falta de cuidados, inexperiência e inadvertência da vítima" (p.39).

No que diz respeito à situação financeira das prostitutas, Junqueira (1986) esclarece: "As prostitutas com as quais convivemos faturavam muito pouco, mas se comparássemos com o ordenado de uma empregada doméstica ou de uma professora primária, estariam ganhando muito mais": (p.137).

A relação da prostituta com a polícia, segundo Junqueira (1986) ocorre predominantemente a nível de proteção: "Você me protege e eu lhe dou dinheiro" (p.140). Quando ocorrem prisões, têm a finalidade de "controlar o fluxo dos roubos

e mudar as regras do jogo da proteção que os policiais lhes dão". (p.140).

Dimenstein (1990) registra a reação de violência dos policiais com as meninas prostitutas do Recife, sendo uma das formas mais comuns a "pesada", isto é, chute na barriga da menina grávida, que pode resultar em aborto.

Segundo relatório de AIJD (*apud* Lorenzi, 1987), o papel da polícia é extremamente negativo. Os policiais são vistos como os verdadeiros cafetões, ou seja, aqueles que favorecem e lucram com a prostituição. São citados casos de espancamentos gratuitos, torturas e violências sexuais nas delegacias.

Dentre as características que permitem a identificação física e gestual da prostituta, durante o exercício da profissão, apontadas por Gaspar (1985), destacamos: roupas provocantes, de cores fortes, justas; saltos altos, relógios, cordões, anéis, pulseiras e maquiagem, destacando principalmente os olhos; valorização das nádegas, coxas e seios; postura corporal tensa, nádegas e seios empinados, e gestos bruscos com a cabeça; andar rebolante.

Gaspar (1985) e Junqueira (1988) ressaltam o uso constante do táxi pela prostituta, como meio de chegada e de saída do trabalho. Geralmente, motoristas de táxi fazem ponto próximo às zonas de prostituição. As autoras concordam ainda com o fato das prostitutas trabalharem, na maioria dos casos, de forma independente, ou seja, sem figura do intermediário, quer seja cafetão, cafetina ou dona de prostíbulo.

Para Dimenstein (1990), os cafetões, junto com os traficantes de drogas que usam as meninas como "aviões", formam uma força de pressão capaz de impedir a saída da menina da prostituição, muitas vezes com o uso de ameaças. Desta maneira, aqueles que lucram com a prostituição da menina conseguem neutralizar os efeitos dos trabalhos que visam a retirá-la da atividade.

Nenhum dos autores estudados se referiu explicitamente ao processo de saída da menina da prostituição.

Azevedo (*apud* Lorenzi, 1987) destaca três níveis de conseqüências, para a criança, da prostituição infantil:

- a) problemas de ajustamento sexual, que vão desde uma preocupação acentuada com a questão sexual, até uma identificação deteriorada, passando pela troca de sexo e pela promiscuidade;
- b) problemas de natureza interpessoal, ou perturbações nas relações sociais, que vão da hostilidade às idéias suicidas;
- c) problemas educacionais, como por exemplo, dificuldades de aprendizagem.

Acrescentam-se ainda sintomas de debilidade mental (social), perda de auto-estima, ansiedade, perturbação do sono.

Faz-se importante ressaltar que todos esses efeitos são relativos à violência sexual como um todo, onde se inclui a prostituição.

Os fatores até aqui relacionados, acerca das condições de existência e de trabalho da prostituta, não se destinam a formar um quadro definitivo daquilo que significa ser prostituta. Antes, pretendemos ter sistematizado, a partir de estudos diversos, em épocas e lugares diferentes, elementos que possam contribuir para a compreensão das possibilidades de ingresso e de manifestação do fenômeno de prostituição, bem como de algumas conseqüências a nível individual.

6 - PROSTITUIÇÃO INFANTIL EM FORTALEZA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Durante a elaboração deste estudo, cinco pessoas, que trabalham diretamente com a menina prostituída em Fortaleza (duas educadoras da Pastoral do Menor, duas educadoras do Movimento Terre des Hommes e uma médica), foram entrevistadas, com vistas a colher dados relativos ao desenvolvimento do fenômeno da prostituição infantil em Fortaleza.

Analisando comparativamente a caracterização da prostituição anteriormente explicitada e o material colhido através das entrevistas, observamos alguns pontos de convergência e divergência, que passamos a discorrer.

Vale ressaltar que os dados obtidos em Fortaleza referem-se à situação da menina prostituída de rua, em função da dificuldade de acesso às meninas confinadas em bordéis, ou a dados fidedignos sobre elas.

O contexto miserável em que vivem essas crianças e suas famílias, o que lhes impõe a inserção precoce no mercado de trabalho como única forma de sobrevivência, desponta como principal motivo, no Ceará, para a menina de rua se tornar menina prostituída, ou prostituta.

Assim, a menina de rua, em geral, percorre inicialmente o caminho da mendicância, para em seguida ocupar-se com pequenas vendas nos sinais e nas praças, onde finalmente se inicia na "vida". Ressalte-se o fato da prostituição infantil se deslocar do Centro da cidade para a Beira-Mar, zona de intenso fluxo turístico, caracterizada pela existência de grande número de bares, restaurantes e hotéis. O deslocamento, longe de ser apenas físico-espacial, diz respeito ao grau de envolvimento da menina com a prostituição, captado a partir do uso discriminado de atributos como beleza e poder de sedução, bem assim de um maior conhecimento técnico do jogo sexual. Não é por acaso que a idade das meninas do Centro da cidade varia entre 11 e 14 anos, enquanto na Beira-mar encontram-se meninas de até 16 anos.

O tráfico de crianças, embora não tenha sido citado pelas entrevistadas, constitui notadamente, como já tivemos oportunidade de relatar na primeira parte deste trabalho, uma forma de ingresso da menina na prostituição, e Fortaleza vem se destacando, já há algum tempo, como porta de embarque de crianças para o Exterior.

Uma vez compondo o universo da prostituição, e de acordo com o levantamento bibliográfico realizado, a saúde precária da menina prostituída em Fortaleza é uma consequência natural da instabilidade da sua vida na rua, espaço público onde o uso abusivo de tóxicos e de álcool soma-se a cuidados corporais efêmeros, onde difere da análise de Gaspar (1985), a um acúmulo de doenças maltratadas e mal curadas, ao uso constante de auto-medicação, a gestações sucessivas, seguidas de abortos clandestinos, a ineficácia da assistência pública, ao contato com muitos parceiros, à precariedade higiênica dos locais que frequenta, à ignorância.

No tocante às drogas, vale destacar o fato de ser comum entre meninas e meninos de ruas o uso de "misturas de drogas" - cola, remédios e maconha, ao invés

de drogas isoladas.

As doenças mais comuns às meninas envolvidas com a prostituição infantil em Fortaleza, segundo a médica entrevistada, são as de pele; as sexualmente transmissíveis, em especial a gonorréia e a sífilis; e as infecções respiratórias, como a pneumonia e a bronquite, mormente entre aquelas que dormem na rua.

Ainda de acordo com a médica, há grandes possibilidades de existência de AIDS entre as meninas, apesar de não ter sido constatado por ela nenhum caso, até o momento da elaboração deste trabalho.

Faz-se mister ressaltar o fato das meninas mais jovens, em torno de 13 anos, demonstrarem vontade de engravidar. Essa vontade, com o passar dos anos, irá diminuir, até desaparecer por volta dos 16 anos. Dentre as que levam a gravidez até o fim, seja por vontade, seja porque os métodos abortivos não surtiram efeitos, os filhos nascem, geralmente mortos ou morrem nos dois primeiros meses de vida, em função da total instabilidade de suas vidas nas ruas.

Diferentemente da análise de Junqueira (1986), as prostitutas infantis de Fortaleza são negligentes com seus filhos, que são levados para a rua, onde geralmente morrem.

A relação das meninas entre si, em Fortaleza, de acordo com as investigações anteriores de Beauvoir (1975) e Junqueira (1986), é marcadamente ambígua: amizade/competição. Por um lado, algumas preferem trabalhar em grupo, por medida de segurança, e também para melhor atender à demanda do cliente; por outro, as brigas entre elas são frequentes, na disputa por clientes, pelo gigolô (de quem são por vezes amantes apaixonadas), por drogas e por vingança.

Há que se refere ao senso de vingança das meninas, observamos um desacordo entre o universo pesquisado por Junqueira (1986), pois que, entre as meninas envolvidas com a prostituição em Fortaleza, o senso de vingança está presente, sendo uma das principais causas das agressões físicas entre elas.

No tocante ao relacionamento entre as meninas e os meninos de rua, de acordo com as entrevistas feitas em Fortaleza, situa-se entre a amistosidade, chegando em alguns casos a relações amorosas, e a marginalização, em função das atividades desenvolvidas na rua pela menina. No último caso, observamos a reprodução, entre meninos e meninas marginalizados, da atitude de dominação machista inerente à sociedade de uma maneira geral.

Faz-se importante ressaltar que a rua, em Fortaleza, até bem pouco tempo, era espaço quase exclusivo dos meninos. Só recentemente, a quantidade de meninas na rua aumentou, chegando em 1987 a constituírem 10% (SAS/UNICEF/NUCEPEC-UFC, 1988).

O universo masculino com o qual a menina se relaciona sexualmente na rua compõem-se basicamente dos meninos, dos cafetões e dos clientes.

Em acordo com o registro de Gaspar (1985), há em Fortaleza o cliente habitual e o circunstancial, e a preferência por um, ou por outro, refere-se ao tipo de atividade sexual exigida, e ao cumprimento do acordo pré-estabelecido com a menina. São preferidos aqueles clientes que substituem o coito pelas fantasias sexuais; são preteridos aqueles que se utilizam de violência no ato sexual, ou que se recusam a pagar o acordado.

Portanto, a fantasia do cliente, diferente da análise de Beauvoir (1975) é bem aceita pelas meninas de Fortaleza. Vale ressaltar que nem todas as meninas têm condições de manter uma relação sexual completa, inclusive por falta de maturidade genital. Assim, a fantasia do cliente, além de preferencial, pode ser ainda para a menina condição única de acesso à prostituição, e conseqüentemente ao dinheiro.

De acordo com uma das entrevistadas, as primeiras experiências sexuais têm sido apontadas pelas meninas como violentas. Apesar do estupro e do espancamento por parte dos clientes serem fenômenos raros, é comum as meninas andarem armadas e em grupo, para se protegerem de eventuais incidentes.

Finalmente quanto ao conteúdo geral deste trabalho, parece-nos assumir importância, uma vez que delimita pontos a serem mais profundamente analisados. Para se chegar a um perfil claro da menina envolvida com a prostituição em Fortaleza, é necessário acrescentar, aos fatores expostos neste trabalho, outros que se encontram ausentes na bibliografia consultada, em especial, a questão de educação e da família da menina, pois são intimamente relacionados com as perspectivas de salda da menina da prostituição.

Outro ponto a ser analisado diz respeito à extensão da ilegalidade do fenômeno da prostituição infantil no Brasil. Para tanto, cabe uma leitura crítica da legislação brasileira pertinente ao assunto.

A situação das meninas nos bordéis não pode continuar confinada ao silêncio. Faz-se urgente que se encontrem vias de acesso a essas crianças, relegadas a um destino tão cruel quanto o abandono sócio-político-institucional.

Por fim, gostaríamos de registrar que esta sistematização das condições de vida da menina envolvida com a prostituição deve retornar àqueles que, com seu trabalho cotidiano e pouco reconhecido, nos demonstraram que, a parte todas as dificuldades, algo deve e pode ser feito.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, M.A. Prostituição Infantil: Uma Incursão pelo Lado Não-Respeitável da Sociedade. In Steiner, M. H. F. (org.) **Quando a Criança Não Tem Vez**. São Paulo, Pioneira; 1986, 109-13.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo - A Experiência Vivida**. São Paulo: Difel, 1975.
- DIMENSTEIN, G. **A Guerra dos Meninos - Assassinatos de Menores no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- GASPAR, M.D. **Garotas de Programa - Prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- JUNQUEIRA, L. **Abandonados**. São Paulo: Ícone, 1986.
- KÜCHLER, A. D. C. Menina . . . Mãe . . . Mulher. **Meninas**. Brasília, CBIA/MAS, 1990, 1 - 6.
- LORENZI, M. **Prostituição Infantil no Brasil e Outras Infâmias**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

OLIVEIRA, C. de F. G. de **Se Essa Rua Fosse Minha: Um Estudo sobre a Trajetória e Vivência dos Meninos de Rua do Recife**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Brasília, UNICEF; 1989.

O POVO. Bebês São Usados Como Cobiaias. **O POVO**. 07.03.90, p.14-A.

PINHEIRO, A. de A. A.; SANTOS C. M. A. dos; FÚLFARO, L. M. O e GONZALES, V. G. O Contexto Violento em que se Insere a Criança; Algumas Considerações e Propostas. In CEBRID (org). **Abuso de Drogas entre Meninos e Meninas de Rua**. São Paulo: Escola Paulista de Medicina, 1980, 97-111.

SAS/UNICEF/NUCEPEC-UFC. Perfil do Menino e da Menina de Rua de Fortaleza: Levantamento de Dados. Fortaleza: Secretaria de Ação Social, 1983 (mimeo).

VASCONCELOS, A. M. P. de (org); CASTELLI, N. N. de E. MENDONÇA, M. C. V. de. **Meninas de Rua**. Recife: Brigada em Defesa da Mulher, 1988.

VEJA. Comércio de Bebês. **Veja**, 26, 29.06.88, p.34-40.

. Um Útero Generoso. **Veja**, 984, 15.07.87, p.68-9.